



ISSN: 2230-9926

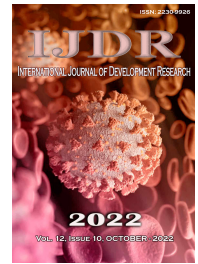
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 10, pp. 59619-59622, October, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.25527.10.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

AS PERCEPÇÕES DOS RIBEIRINHOS DA TRÍPLICE FRONTEIRA AMAZÔNICA EM TORNO DOS PROCESSOS FLUVIAIS

*¹Paulo Almeida da Silva and ²Valter Luciano Gonçalves Villar

¹Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas – UEA; ²Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Pesquisador da, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM

ARTICLE INFO

Article History:

Received 19th August, 2022

Received in revised form

06th September, 2022

Accepted 28th September, 2022

Published online 30th October, 2022

Key Words:

Tríplice Fronteira Amazônica; Mitos; Ribeirinhos.

*Corresponding author:

Paulo Almeida da Silva

ABSTRACT

As percepções que os povos tradicionais da Amazônia, especificamente os originários da Tríplice Fronteira Amazônica, costumam representar saberes que, em vez de confrontar o empirismo próprio da academia, a ela se une como ferramenta de auxílio para compreensão de alguns fenômenos, entre eles os dos processos fluviais que modificam a paisagem em torno dos rios amazônicos. Este artigo, portanto, procura estabelecer essas linhas contínuas, se valendo, de autores como Levi Straus e Mircea Eliade para fundamentar questões sobre os mitos, além das entrevistas realizadas com os ribeirinhos locais, para podermos apreender a importância do mito em suas explicações sobre os fenômenos das terras caídas.

Copyright © 2022, Paulo Almeida da Silva and Valter Luciano Gonçalves Villar. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Paulo Almeida da Silva and Valter Luciano Gonçalves Villar. "As percepções dos ribeirinhos da tríplice fronteira amazônica em torno dos processos fluviais", *International Journal of Development Research*, 12, (10), 59619-59622.

INTRODUCTION

Nas visitas de campo, necessárias para estabelecer relações do que se lê com o que se vê, conhecemos algumas pessoas que mantêm uma narrativa enriquecida por suas crenças, seus mitos e suas lendas. Tarefa que não se torna difícil, nem enfadonha quando a inspiração está logo ali, ao observar tanta água e tanta floresta. Destarte, dessa convivência, o ribeirinho vai acumulando um conhecimento tradicional que, harmoniosamente, o relaciona com os recursos naturais. Neste artigo, queremos compartilhar algumas dessas narrativas que apresentam, sob a ótica do imaginário ribeirinho, a causa dos vários fenômenos que o cercam, suas leituras e vivências com tudo o que se observa na natureza e se encontra, claro, ao seu redor. Para tanto, nos valeremos de pesquisadores que estudaram a importância do mito nas comunidades autóctones, a exemplo do antropólogo francês Levi Strauss; do cientista das religiões, de origem romena, Mircea Eliade, além de outros autores que serão chamados ao texto para trazer luz a essa questão.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Coelho (2003) postula alguns aspectos que devem ser levados em conta quando se trata desse tema. O primeiro é considerar que a abordagem empírica pela percepção, há tempos, vem sendo empregada por intérpretes do pensamento antigo.

Inclusive os que se basearam em Aristóteles já estavam exercitando, pela lógica da razão, alcançar o conhecimento da realidade. O segundo é perceber a tênue fronteira entre o mito e a lenda, já que, segundo Coelho (2003), ambos podem ser tomados como "narrativas míticas", pois há uma tendência em confundir o mito com a lenda, imposta pela falta de nitidez entre ambas. Apesar dessa proximidade apontada por Coelho (2003), vários autores já se debruçaram sobre essa diferença. No campo da Cultura e da Antropologia, essas marcas estão bem delimitadas. Os dicionários, por exemplo, geralmente definem a lenda como narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, na qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética. Essa deformação é fruto de uma apropriação de leitura que se remete a tradição de alguns povos, essencialmente orais. No caso dos povos da floresta, onde o sistema de transmissão do conhecimento se faz pela via da oralidade, a recriação poética ou imaginária das lendas, só é possível mediante uma prévia apropriação do processo de leitura desse mundo. Ora, esse sistema cultural de apreensão do conhecimento, muitas vezes, é categorizado por agentes da educação e demais atores sociais, como hábito de povos ingênuos, afeitos a credulidade e superstições. Costuma-se também definir, por sua vez, o mito, como um relato sobre seres e acontecimentos imaginários, acerca dos primeiros tempos ou de época heroicas. Narrativa de significação simbólica, assim como a lenda, é transmitida de geração em geração, dentro de determinado grupo, sendo sempre considerada por esse mesmo grupo como expressão da verdade factual.

Quem primeiro percebeu a vitalidade do mito e sua relação com o estatuto da verdade ou de uma pretense conformidade com o real, foi o cientista francês Cláude Lévi-Strauss. Segundo ele, “a ciência contemporânea está no caminho para superar este fosso e que os dados dos sentidos estão a ser cada vez mais reintegrados na explicação científica como uma coisa que tem um significado, que tem uma verdade e que pode ser explicada.” (1987, pág. 11). Essa reaproximação se dá principalmente por meio da Antropologia, da História, da Sociologia e também da Educação. Retomando os aspectos de paridade levantados por Lévi-Strauss, hoje, com os estudos da Antropologia, Sociologia e outras ciências afins, o mito tem adquirido também seu status de caminho privilegiado de se conhecer o real. Curiosamente, os mesmos pressupostos a que a ciência reivindica como opção mais acertada no trato dos fenômenos pode ser aplicado ao mito, o que não deixa de ser desconcertante ao ver que o mito também se explica pela reincidência de acontecimentos em diversas partes do mundo:

Neste momento não queria que julgassem que estou a pôr em pé de igualdade a explicação científica e a explicação mítica. O que afirmo é que a grandeza e a superioridade da explicação científica residem não só nas realizações práticas e intelectuais da ciência, mas também no fato, que testemunhamos cada dia com mais clareza, de que a ciência se encontra não só preparada para explicar a sua própria validade como também o que, em certa medida, é válido no pensamento mitológico. (LÉVI-STRAUSS, 1987, p.30)

Não apenas se percebe uma (ré) aproximação entre a ciência e o mito, mas, em certa medida, a ciência busca por meio dos mitos, explicações para fatos que a mesma não consegue encontrar melhores razões para sua elucidação. Em outro sentido, Mircea Eliade afirma que nos últimos tempos, a ciência tem procurado, por meio de seus métodos de pesquisa, validar o pensamento mítico, pois ele, em algumas situações, se torna a única ilha razoável para se entender algum fenômeno:

Há mais de meio século, os especialistas ocidentais situaram o estudo do mito numa perspectiva que contrastava sensivelmente com a do século XIX. Em vez de, como os seus antecessores, tratarem o mito na acepção usual do termo, ou seja, enquanto «fábula», «invenção», «ficção», aceitaram-no tal como ele era entendido nas sociedades arcaicas, nas quais, pelo contrário, o mito designa uma «história verdadeira» e, sobretudo, altamente preciosa, porque sagrada, exemplar e significativa. Mas este valor semântico atribuído à palavra mito torna o seu emprego na linguagem corrente bastante equívoco. Com efeito, este termo é hoje utilizado tanto no sentido de «ficção» ou de «ilusão» como no sentido familiar sobretudo para os etnólogos, sociólogos e historiadores das religiões, de «tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar. (ELIADE apud Fontes, 2013, p.10)

Para outros autores, o que a ciência realizou nesses últimos séculos foi criar discursos que pretensamente são classificados de verdadeiros. Pois se o método, usado pela ciência, para desqualificar o mito, fosse aplicado a própria ciência, perceberíamos que em nada o mundo científico se difere do mundo mítico, pois afirmar que a ciência tem a última palavra sobre a factualidade, equivale a dizer que o mito também explica a origem ou funcionamento das coisas:

O mito é a maneira de vida que a ciência, embora almeje, jamais será. E se a ciência pretende transformar-se num modo de vida, como pode bem nos parecer na civilização altamente tecnicista de hoje, só o será miticamente. A ciência só destrói um mito criado por outro: o de si mesma. E, como por um paradoxo inesperado, vemos hoje diante de uma tarefa cada vez mais inadiável: a de desmascarar o mito da ciência. (OLIVEIRA; LIMA, 2006, p.2)

Como se percebe, a primazia do discurso científico tem sido questionado pelas investigações desses cientistas. O mesmo não se dá quanto ao conceito de lenda, apesar de, conceitualmente, estar muito próxima do mito, muitas vezes, confundido e tratado por alguns autores como sendo a mesma coisa, a lenda não busca a pretensão da verdade, não carrega para si a função de explicar a origem ou o funcionamento das coisas. O terceiro e último aspecto nos remete às

considerações trazidas por Jesus e Brandão, (2000, p. 53), de que “o mito e lenda se aparentam, mas também se distinguem”. E continua afirmando que quanto mais o tempo passar, mais as diferenças tendem a se tornar semelhanças. Ainda segundo aquele autor, “mitos e lendas são conceitos que se referem às narrativas de cunho popular”. Sua origem é oral e da mesma forma é repassada de uma a outra geração. No que diz respeito à concepção que os povos indígenas têm desses dois termos, segundo Coelho (2003), é a recusa em aplicar às suas narrativas o termo lenda. Segundo essa autora, citando a obra de Jesus e Brandão (2000), na concepção indígena, a lenda é desvinculada de sua história, de seu povo, de sua cultura, enquanto o mito é considerado um patrimônio cultural, um elemento de coesão, agregação e identidade. Postas essas considerações, escolhemos algumas narrativas, principalmente aquelas que têm relação com os processos fluviais, salientando, é claro, que os escritos têm como finalidade auxiliar na compreensão dessa linha tênue entre mito e verdade factual, aqui, voltado para as questões da região da Triplíce Fronteira. Obviamente, parte de toda esse arcabouço mítico e lendário advém dos povos da região, com nitida predominância dos povos magüta, os quais, já em vias de consolidar a passagem para o mundo caboclo (Darcy Ribeiro, 2005), mistura elementos da ciência e das tradições ancestrais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em uma conversa informal com um morador de Tabatinga-AM, quando fazíamos algumas observações sobre a sedimentação no Porto das Catraias, abordamos e indagamos o Sr. F. M. P., com idade de 65 anos, sobre suas percepções acerca da cheia, da vazante e das Terras Caídas. Ele argumentou que a enchente e a vazante ocorrem porque é “coisa da natureza”. É Deus quem permite encher e secar o rio. Com relação às Terras Caídas, ele recorreu ao seu conhecimento tradicional e disse que elas algumas vezes acontecem por ritual de índios, de descendência Inca, que ele denominou de Sacacas. O ritual feito por este povo indígena, tentavam demonstrar poder e soberania, principalmente quando estavam à procura de realizar algo em seu favor. O Sr. F.M.P citou como exemplo que eles abriam passagem sobre o leito dos rios para ir de um lugar para outro, provocando, assim, o fenômeno das Terras Caídas. Próxima às cidades de Benjamin Constant e Tabatinga, há uma comunidade denominada Capacete, que faz parte do município de Benjamin Constant. Nossa abordagem sobre ela deve-se ao fato da retirada de uma deposição que havia em frente a essa comunidade. Essa deposição permaneceu desde as décadas de 80 e 90 e foi sendo removida a partir dos anos 2000, tanto que, em 2015, ela não estava mais no local. Pelo relato do Sr. A. A. L, a sua formação se deve ao fato de o rio ter transportado a areia de outras comunidades mais acima, depositando-a na frente da comunidade de Capacete. Com relação ao desaparecimento da praia, pelo relato da Sra. H. A. M., foi motivado pela insatisfação dos ribeirinhos da comunidade de Teresina III, que sofriam com o desbarrancamento de terras nas margens daquela comunidade. Buscando uma solução para o problema, os moradores da comunidade de Teresina III resolveram trazer para si a praia que se localizava em frente à comunidade de Capacete, objetivando conter o processo de desmoronamento da frente da comunidade de Teresina III.



Fonte: Elaborada pelo Autor (2020). Nota: Ilustração feita a partir de dados da pesquisa de campo. Desenho de Weverson da Silva e Silva.

Figura 01. O ritual para sequestrar a praia de uma comunidade para outra, usando um prato virgem para carregar areia

Para isso, os ribeirinhos de Teresina III, seguiram um ritual que consistia emutilizar um prato virgem, para que nele fosse coletada, sexta-feira à noite, a areia da praia da comunidade de Capacete e levada essa areia para ser jogada em frenteà comunidade de Teresina III. E assim foi feito. A partir daí, começou a desaparecer a praia da comunidade de Capacete e surgiu na comunidade de Teresina III.

Há mais um relato que busca explicar o desaparecimento dessa mesma praia. Vem de outra moradora, a Sra. R. R. N, de 86 anos. Pela sua versão, o desaparecimento da praia tem relação com um morador chamado de Cronge. Ele morava distante da margem do rio e se sentia prejudicado pela praia, pois, pela sua extensão, ele se via obrigado a deixar seu motor de popa na canoa. E aquilo o deixava inquieto, pois já haviam roubado outros motores de conhecidos seu. Cansado de caminhar muitos quilômetros por essa praia até sua residência, resolveu fazer alguma coisa para solucionar o seu problema. Certa vez, estava de passagem pela comunidade de Capacete um curandeiro, o Sr. R. M. S., de 68 anos. O Sr. Cronge foi ao seu encontro e expôs o que queria resolver. O curandeiro lhe ensinou que ele deveria conseguir uma unha de um tatu canastra, deixasse-a secar ao sol e, numa sexta-feira, usasse essa unhapara riscar a praia de uma ponta à outra.



Fonte: Elaborada pelo Autor (2020). Nota: Ilustração feita a partir de dados da pesquisa de campo. Desenho de Weverson da Silva eSilva.

Figura 02. Ilustração envolvendo sequestro de praias

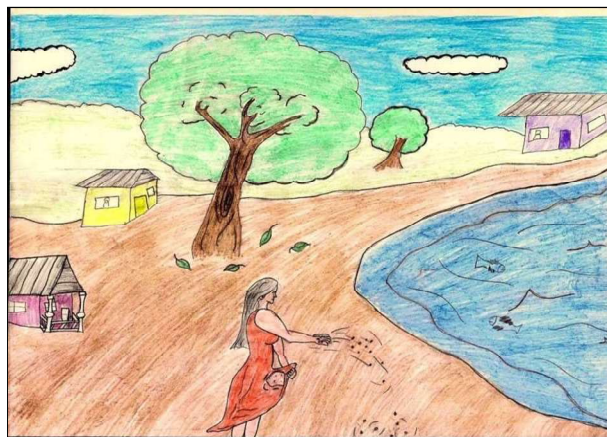
O senhor Cronge, que intentava mesmo se livrar daquela praia, disse para si mesmo: “Este será meu último ano de sofrimento”. E pôs-se a fazer aquilo que o curandeiro lhe havia ensinado. Conseguiu a unha do tatu; ela secou como recomendado; e, numa sexta-feira, saiu bem cedo em direção à praia, onde passou dia riscando-a de uma ponta a outra com a unha do tatu. A partir daí, a praia começou a ser removida. E, sem ela, as margens da comunidade ficaram expostas à ação da correnteza, dando início ao desbarrancamento, atingindo até a área onde ele morava. Enquanto umas comunidades querem se livrar de suas praias, há aquelas que estão de olho na praia da comunidade vizinha. Foi o que aconteceu num outro episódio sobre o sequestro de praias por ribeirinhos envolvendo as comunidades de Guanabara e Belo Horizonte, ambas pertencentes ao município de Benjamin Constant.



Fonte: Elaborada pelo Autor (2020). Nota: Ilustração feita a partir de dados da pesquisa de campo. Desenho de Weverson da Silva eSilva.

Figura 03. Mulheres grávidas da Comunidade de Belo Horizonte no ritual para sequestrar a praiavizinha

A comunidade de Belo Horizonte, observando a praia da comunidade vizinha, percebeu as vantagens que se pode tirar do uso de uma praia, principalmente para o cultivo de plantas de ciclo rápido.



Fonte: Elaborada pelo Autor (2020). Nota: Ilustração feita a partir de dados da pesquisa de campo. Desenho de Weverson da Silva eSilva.

Figura 04. Mulher jogando farinha na frente da comunidade para que ali se formasse uma praia

A comunidade de Belo Horizonte, concebeu uma forma de como trazer para sua frente a praia da comunidade vizinha. Moradores relatam que as mulheres grávidas da Comunidade de Belo Horizonte retiravam areia da praia que havia em frente à comunidade de Guanabara, transportavam-na em suas saias, para jogarem frente à comunidade de Belo Horizonte. E aconteceu de a praia, que era da Comunidade de Guanabara, migrar para a frente da Comunidade de Belo Horizonte. O outro relato que ainda envolve as mesmas comunidades é que os moradores da comunidade de Belo Horizonte começaram a jogar farinha na frente da comunidade de Guanabara para que nascesse praia à sua frente. Loureiro (1995, p. 230) traz a lume outro argumento sobre a causa das terras caídas na Amazônia: “A ruína de barrancos das margens dos rios e a destruição docais ou trapiches de muitas cidades ribeirinhas – como Abaetetuba e Cameté, no Tocantins – são atribuídos aos movimentos bruscos e irados da Boiúna que está alojada sob as águas”. Esse é um argumento sob a ótica do imaginário amazônico, “das imagens poético-devaneantes construídas pelos caboclos da beira dos rios” como sugere Holanda (2010, p. 45). Entretanto, é muito comum essa concepção sobre o fenômeno das Terras Caídas entre os moradores de localidades que convivem como fenômeno em questão. Uma dessas localidades é a cidade de São Paulo de Olivença, que experimenta o fenômeno das Terras Caídas de forma muito intensa. Talvez, por isso, os muitos relatos que buscam explicar o que ocorre naquela cidade. Dentre os vários relatos do porquê a cidade tanto sofrer com o fenômeno das Terras Caídas, surge a de um padre que teria amaldiçoado esse local. Em outro relato, surge a figura de um missionário, que também teria jogado sua maldição sobre esse lugar. Não poderia faltar o relato que envolve a cobra grande, que dizem estar em algum buraco no barranco em frente à cidade; toda vez que se move, ela provoca o desbarrancamento.



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 05. A cobra grande que provoca as terras caídas em São Paulo de Olivença

As cidades que convivem com o fenômeno das Terras Caídas terão sempre uma narrativa que incluirá a cobra grande. No imaginário amazônico, é muito comum atribuir à cobra grande a causa de vários fenômenos, como é o caso de São Paulo de Olivença. Há também aqueles que já incorporam um conhecimento que, embora empírico, em muito se aproximado científico, como o relato do Sr. I. A. M., de 83 anos, nascido em Manaus, mas morador, desde 1969, da região pesquisada. Ele fez a seguinte observação:

O clima predominante nesta região era um até o ano de 2005. De lá pra cá, vem sofrendo mudanças, como o aumento de temperatura e a diminuição das chuvas. O rio Solimões, antes, secava de julho a novembro, com repiques na 1ª quinzena de outubro. Nesses últimos anos, acontecem repiques em pleno mês de setembro, como ocorreu este ano [2019].

Da mesma forma, concebe o Sr. G. A. da S., 38 anos, que reúne muitas informações sobre clima, necessárias para o exercício de suas atividades frente à Defesa Civil de Tabatinga. Segundo ele:

Em relação ao clima, posso dizer que tem sim, ocorrido alterações, se considerarmos os últimos anos, onde se percebe que houve uma redução na quantidade de chuvas. Houve também um aumento considerável de temperatura, possivelmente motivado por diversos outros fatores ambientais.

Essas narrativas povoam o imaginário ribeirinho, sustentadas por uma crença, uma lenda, um mito, mas não sem uma resposta ou um argumento para confrontar os fenômenos que o cercam. As suas atividades de subsistência acompanham as mudanças provocadas pelos fenômenos. A naturalidade com a qual o vêem sinaliza sua resiliência para conviver com todos eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rio Solimões/Amazonas, assim como qualquer rio, através dos processos de erosão, transporte e deposição, continua sendo um fator preponderante na configuração de paisagens ao longo de suas margens. Os processos fluviais apresentam distintas fases, das quais se originam feições e destas a composição do cenário paisagístico, que passa por constantes configurações como foi percebido nos locais de observação. As localidades e seus moradores já convivem com tais fenômenos há um bom tempo, adaptando-se ao regime fluvial e a ação transformadora resultante da dinâmica dos rios. As percepções do homem amazônico sobre esses processos reúnem vários aspectos que vão do empírico ao imaginário. Tratar dessas percepções é entender como o homem amazônico convive com a ação dos processos fluviais.

A condição dialética que assume o papel da recriação, da reconfiguração também se impõe na resiliência humana. Pois o que é percebido dessas reconfigurações passa também a ser assimilado por aqueles que moram ou trafegam na área pesquisada. Ainda que haja perda seja do solo, da propriedade ou dos bens materiais, raramente a comunidade ou a cidade deixam de existir. Mesmo quando se distanciam do local antes ocupado e que foi perdido pelo processo erosivo, é comum preservar ou alterar minimamente o nome da comunidade e suas tradições. As paisagens devem ser estudadas acompanhando seus momentos evolutivos até possíveis formas que não se encerram em si mesmas, mas que assumem a condição de reféns de uma dialética que parece mais envolvente. Por serem assim, mais instáveis, repercutindo na reconfiguração de um cenário, cujos componentes passam por várias fases, processos e formas.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H.N. e JESUS, L. M. "Mito e tradição indígena". In: Gêneros do Discurso na Escola – Mito, Conto, Cordel, Discurso Político, Divulgação Científica. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- COELHO, M. do C. P. As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias. Doutorado em Linguística Aplicada e estudos da linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.
- FONTES, Vitor José de Oliveira. O Potencial Didático dos Mitos e das Lendas na Educação Histórica. Porto, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Rubens%20e%20Daniele/Downloads/Relatorio_Final_Mestrado_MEHG_Vitor_Fontes.pdf. Acesso em: 29/08/2022.
- OLIVEIRA, Sebastião Monteiro e LIMA, Antonia Silva de. O mito na formação da identidade. Disponível em: <http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/5mitoformacao.pdf> HYPERLINK "http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/5mitoformacao.pdf". HYPERLINK "http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/5mitoformacao.pdf" Acesso em: 20/07/2022.
- HOLANDA, Y. L. A festa na cidade que o barranco levou: dinâmicas culturais e políticas do brincar de boi em Fonte Boa – AM. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- STRAUSS, Claude Lévi. Mito e Significado. Edições 70. Lisboa, 1978. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/167562/mod_resource/content/1/Claude%20L%C3%A9vi-Strauss%20-%20Mito%20e%20Significado.pdf. Acesso em: 20/08/2022.
